

A Vocaçao Humana em Edith Stein: Fundamentos Teológicos, Interioridade e Complementariedade.

Human Vocation in Edith Stein: Theological Foundations, Interiority, And Complementarity.

Rafael Henrique da Costa¹
Matheus Manholer de Oliveira²

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo investigar a vocação humana a partir da antropologia de Edith Stein, evidenciando sua fundamentação bíblico-teológica, em especial a concepção de pessoa como imago Dei nos relatos da criação, sua interioridade fenomenológica e a compreensão da complementariedade estrutural entre masculino e feminino. O método empregado é de natureza teórico-analítica, com abordagem interdisciplinar que conjuga a hermenêutica bíblica, a reflexão filosófica de matriz fenomenológica e a teologia sistemática, de modo a integrar os diversos níveis constitutivos do ser humano em uma visão unitária. A análise demonstra que a vocação não pode ser reduzida ao fazer ou à mera funcionalidade social, mas deve ser entendida como chamado originário ao amor, que se desdobra em um percurso existencial de toda a vida em direção à plenitude do ser pessoa. Essa vocação se manifesta na tríplice missão comum a todos os seres humanos: ser imagem de Deus, exercer a fecundidade entendida de forma ampla como abertura ao outro e à vida, e assumir o domínio responsável da criação, sempre em chave relacional e comunitária. Conclui-se que a complementariedade entre homem e mulher, concebida sem fusão nem hierarquia ontológica, constitui dimensão essencial da realização vocacional, integrando corpo, psique e espírito em

¹ Doutorando e Mestre em Teologia pela PUCPR, Especialista em Espiritualidade e Acompanhamento Espiritual pela UNISAL. Membro do Centro de Investigações em Edith Stein (PUCRS). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia, Educação e Direitos Humanos (PUCRS) e do Grupo de Pesquisa Introdução ao pensamento de Edith Stein (UNITALO). E-mail: pe.rafael.mps1@gmail.com

² Doutorando e Mestre em Filosofia pela PUCPR, e Professor de Filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e na Faculdade Vicentina (FAVI). Membro do Centro de Investigações de Edith Stein (PUCRS). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia, Educação e Direitos Humanos (PUCRS) e do Grupo de Pesquisa Introdução ao pensamento de Edith Stein (UNITALO). E-mail: matheusmanholer@gmail.com

uma síntese que respeita a singularidade pessoal. As implicações éticas, pedagógicas e pastorais decorrentes dessa compreensão oferecem critérios consistentes para o discernimento vocacional e para a promoção de uma formação integral que corresponda à dignidade e à finalidade transcendente da pessoa.

Palavras-chave: Edith Stein; Vocaçao; Interioridade; Complementariedade.

Abstract:

This article aims to investigate the human vocation from the perspective of Edith Stein's anthropology, highlighting its biblical-theological foundation, particularly the notion of the human person as *imago Dei* in the creation narratives, its phenomenological interiority, and the understanding of the structural complementarity between male and female. The method employed is theoretical-analytical in nature, with an interdisciplinary approach that combines biblical hermeneutics, philosophical reflection rooted in phenomenology, and systematic theology, in order to integrate the various constitutive levels of the human being into a unified vision. The analysis demonstrates that vocation cannot be reduced to action or mere social functionality, but must be understood as an original call to love, unfolding as a lifelong existential journey toward the fullness of being a person. This vocation is expressed in the threefold mission common to all human beings: to be the image of God, to exercise fruitfulness broadly understood as openness to others and to life, and to assume the responsible stewardship of creation, always within a relational and communal dimension. It is concluded that the complementarity between man and woman, conceived without fusion or ontological hierarchy, constitutes an essential dimension of vocational fulfillment, integrating body, psyche, and spirit in a synthesis that respects personal uniqueness. The ethical, pedagogical, and pastoral implications arising from this understanding provide consistent criteria for vocational discernment and for the promotion of an integral formation that corresponds to the dignity and transcendent purpose of the human person.

Keywords: Edith Stein; Vocation; Interiority; Complementarity.

Introdução

A reflexão sobre a vocação constitui um eixo decisivo para compreender a finalidade última da vida humana e iluminar o sentido da existência em sua totalidade. Em Edith Stein, o conceito de vocação não se restringe a uma leitura utilitarista ou funcional, vinculada apenas à escolha de uma profissão ou de um estado de vida, mas se situa na dimensão ontológica do ser: antecede o fazer, orienta o agir e solicita uma resposta pessoal, histórica e livre. Nesse horizonte, a vocação se configura como um chamado originário ao ser e à comunhão, que acompanha o homem e a mulher em todo o percurso de sua vida. O tema deste estudo, portanto, é a vocação humana na perspectiva steiniana, definida como expressão constitutiva da condição de criatura e como mediação entre interioridade e alteridade. O assunto é delimitado pela articulação entre o fundamento bíblico-teológico da criação à imagem e semelhança de Deus (Gn 1-2), a fenomenologia da interioridade e a complementariedade estrutural entre masculino e feminino.

O objetivo geral consiste em elucidar a noção de vocação como categoria central da antropologia de Edith Stein. Em consonância com esse propósito, os objetivos específicos buscam: explicitar seus fundamentos bíblico-teológicos; apresentar a concepção de unidade psicofísica e espiritual da pessoa; examinar a distinção e a complementariedade entre homem e mulher; e identificar as implicações éticas, pedagógicas e pastorais para o discernimento vocacional e para a formação integral.

A justificativa da escolha do tema decorre da relevância da contribuição steiniana para o debate contemporâneo sobre dignidade humana, relações de gênero e itinerários formativos, sobretudo em um contexto marcado por tensões entre perspectivas reducionistas e fragmentadas do humano. A reflexão de Edith Stein oferece uma visão integradora que, ao mesmo tempo em que valoriza a singularidade da pessoa, reconhece sua dimensão relacional e comunitária, superando tanto individualismos quanto coletivismos.

A metodologia adotada é de natureza teórico-analítica, fundamentada em pesquisa bibliográfica e em abordagem interdisciplinar que conjuga a hermenêutica bíblica, a filosofia fenomenológica e a teologia sistemática. Tal método permite integrar os diversos níveis constitutivos do ser humano em uma visão unificada, respeitando a especificidade de cada disciplina, mas promovendo o diálogo entre elas.

O trabalho organiza-se em três partes: inicialmente, apresenta os fundamentos bíblico-teológicos da vocação; em seguida, expõe a antropologia da unidade e da interioridade em Edith

Stein; e, por fim, discute a diferença e a complementariedade entre masculino e feminino, evidenciando suas implicações práticas para a ética, a pedagogia e a pastoral.

Vocação como primado do ser: chamado originário, liberdade e interioridade.

A vocação, em Stein, é chamada originária e constitutiva que se realiza como viagem de toda a vida cuja meta é a plenitude do ser pessoa. Não está ligada apenas ao fazer, mas primeiramente à dimensão do ser, da essência do ser humano. Neste sentido, vocação e profissão não devem ser enxergados como realidades opostas, mas como complemento, pois a integração entre ambas favorece o amadurecimento da personalidade e a coerência de vida. A resposta vocacional é histórica e singular: cada pessoa humana floresce em um lugar, em um contexto histórico-cultural, ou seja, em um tempo e espaço. Logo, é neste tempo e espaço que sua vida participa de maneira singular da história da Redenção. A liberdade é condição ineludível dessa resposta. No horizonte doutrinal, a liberdade é um sinal da imagem divina no homem. “Pois Deus quis deixar o homem entregue à sua própria decisão, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatifica perfeição, aderindo a Ele” (GS 17). Assim, como criatura livre, o ser humano é chamado a realizar o plano de Deus, porque Ele é a razão última de sua existência. A interioridade constitui o caminho por onde a pessoa se encontra com a Verdade.

Edith Stein sustenta que existe uma vocação natural para o homem e para a mulher. Edith Stein comprehende que na natureza do ser humano está preestabelecida sua vocação e sua profissão, isto é, a atividade e a criatividade está inscrita na natureza. A vocação vai amadurecendo durante o caminho da vida tornando-se visível aos outros.

Não parece fácil reconhecer qual é a vocação do homem e da mulher, porque faz muito tempo que se discute a esse respeito. No entanto, existem muitos caminhos pelos quais o chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher, a História no-lo revela e as necessidades de nosso tempo falam uma linguagem insistente (STEIN, 1999, p. 74).

Edith Stein a partir de uma abordagem fenomenológica traça de maneira clara, didática e espiritual o itinerário que o ser humano deve fazer para encontrar-se com a Verdade: um caminho de interioridade, este que faz o ser humano tomar consciência de si e de Deus. Trata-se de um itinerário em que razão, vontade e afetividade se ordenam, com a graça, para que a

pessoa venha a ser aquilo que é, respondendo ao chamado do Amor: Pode-se dizer que a vocação primeira do ser humano é a vocação ao Amor, pois somos chamados pelo Amor e Ele nos deu a vida inteira para darmos uma resposta a Ele. Ao afirmar o primado do ser, Stein recoloca a vocação no campo teológico-antropológico; a profissão, as tarefas e as mediações históricas são expressão, e não substituto, desse núcleo originário.

Fundamento bíblico-teológico: imago Dei e tríplice missão comum.

A Sagrada Escritura constitui o fundamento no qual Stein enraíza a compreensão da vocação. O primeiro relato da criação (Gn 1) apresenta a humanidade criada à imagem e semelhança de Deus e abençoada com uma tríplice missão: ser imagem de Deus, ter descendência e dominar a terra. Ambos são chamados a uma vocação comum de serem imagem de Deus, de ter descendência e de dominarem a terra. A bênção criadora e a missão compartilhada não distinguem, em princípio, modos diversos de realização segundo o sexo, pois não se diz aqui que essa missão tripla deva ser realizada pelo homem e pela mulher de uma outra maneira.

Portanto, logo no primeiro relato sobre a criação do ser humano fala-se da diferenciação entre homem e mulher. Mas a tríplice tarefa é dirigida a ambos em conjunto: que sejam a imagem de Deus, que tenham descendência e que dominem a Terra. Não se diz aqui que essa missão tripla deva ser realizada pelo homem e pela mulher de uma outra maneira; no máximo é possível encontrar nesse contexto uma insinuação pelo fato de se mencionar a diferença sexual (STEIN, 1999, p.75).

A imago Dei remete a uma participação no agir criador de Deus, o que supõe consciência e liberdade, essas tarefas só fazem sentido se forem cumpridas de maneira consciente e livre. A mulher é criada para complementar a missão e vocação do homem. Ela será companheira e ajudante, diz a Sagrada Escritura. Importa notar que, nessa leitura, não há afirmação de superioridade ou dominação, mas o sentido da complementariedade que reflete a íntima comunhão de amor e a cooperação de harmonia.

A segunda passagem, que trata mais detalhadamente da criação do ser humano, diz um pouco mais sobre a relação entre o homem e a mulher. Fala da criação de Adão como ele foi posto no paraíso de delícias para que o cultivasse e o guardasse, como levou os animais para junto de Adão e como este lhe deu nomes. Mas não se achava para Adão uma ajudante semelhante a ele (STEIN, 1999, p.75).

A vocação originária do humano é, portanto, comunhão e missão, sem hierarquia ontológica. A natureza ferida pelo pecado é integrada e elevada na economia da redenção: A vocação sobrenatural do ser humano deve ser vivenciada conscientemente a serviço do Criador, como Filho de Deus, com suas potencialidades e graça, amadurecendo e deixando ser integrado diante daquilo que o pecado fragmentou. Em Cristo, o ser humano reencontra o caminho definitivo de união com Deus e o resgate de sua dignidade, de modo que o chamado do ser humano ao diálogo com Deus pressupõe, fundamentalmente, a liberdade, condição para que ele se realize em plenitude e com sentido. Esta articulação entre criação e redenção não anula a natureza; ordena-a e plenifica-a, mantendo a vocação primeira ao Amor como eixo de sentido.

Pessoa humana como unidade e singularidade.

A antropologia steiniana valoriza a unidade psicofísica e espiritual da pessoa. O ser humano é corpo, mente e espírito. A pessoa não pode ser reduzida a comportamentos estanques; o corpo, a psique e o espírito estão em relação intrínseca, e é nessa unidade que a vocação se processa, amadurece e se torna visível na história. A experiência primeira do outro é de singularidade: A singularidade é a primeira experiência com relação ao ser humano. Temos uma vivência perceptiva da singularidade do outro pela empatia, onde reconhecemos que pela corporeidade que o corpo do outro é semelhante, mas diferente. Nas vivências conseguimos distinguir duas realidades no ser humano: corpo e psique.

Na singularidade humana existe o masculino e o feminino. Edith Stein vem nos esclarecer que masculino e feminino são dois polos de referência do ser humano, mas na sua individualidade e singularidade temos a concretização que ela chamará de natureza. Na singularidade há a natureza de cada ser humano: ser homem ou ser mulher.”

A diferença entre o feminino e o masculino é abordada ao lado da unidade do ser humano: de fato, homem e mulher são seres humanos, nisso consiste sua igualdade, mas são também diferentes no sentido de que não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma, difere a relação entre o espírito e a sensitividade bem como a relação entre as diversas forças espirituais. (PERETTI, 2019. p. 160).

A interioridade, como caminho para a Verdade, solicita integração de potências: a razão ilumina, a vontade decide, os afetos são ordenados. A razão sempre deve iluminar o caminho

para que haja ordenamento. Esse processo é histórico, feito de escolhas e respostas, e supõe a cooperação com a graça para integrar o que o pecado fragmentou.

Cada pessoa floresce em um lugar, num tempo e espaço concretos, e nessa circunstância concreta “participa de maneira singular da história da Redenção. Assim se comprehende que a vocação, embora universal em seu fundamento (chamado ao Amor, à filiação, à comunhão), é vivida sempre de modo único, na trama de uma vida que se deixa formar e orientar por esse sentido originário.

Vocação, profissão e convocação.

Stein destaca que a sociedade não aprofunda o sentido real da vocação. Confunde com profissão que para muitos é considerada como um meio de manutenção material. Para clarificar, ela propõe distinguir vocação, profissão e convocação, sem opô-los:

Mas o que significa *ter vocação*? Deve ter havido um *chamado*: de alguém, a alguém, para algo, de uma maneira perceptível. [...] A convocação por um órgão composto de pessoas pressupõe, portanto, uma vocação que aquelas pessoas creem existente e que eles exprimem convocando-o em vista de sua ‘capacidade e qualificação’. [...] Existe então na natureza do ser humano uma certa vocação, uma predestinação a uma profissão, isto é, à ação e ao trabalho. No decorrer da vida, esta vocação amadurece e se torna perceptível às pessoas, a ponto de poderem expedir uma *convocação* – se tiver sorte é assim que as pessoas encontram seu lugar na vida. Mas, a natureza humana e o caminho da vida não são nem presente e nem fruto do acaso, aos olhos da fé, são obra de Deus. [...]. É Deus, em última análise, quem convoca. É ele que chama: *toda pessoa* para realizar algo que é de sua vocação, cada um *individualmente* para algo que é sua vocação toda particular e, além disso, o *homem e a mulher*, como tais, para algo especial [...]. (STEIN, 1999, p.73).

A profissão, então, é expressão histórica, social e institucional da vocação: corporifica-a no trabalho, no serviço e na cultura; mas não a esgota. Integrar vocação e profissão confere densidade ética e espiritual à vida cotidiana, auxilia na ordenação de afetos e escolhas e sustenta a perseverança. A convocação, por sua vez, reconhece publicamente a maturação de uma vocação e confia-lhe encargos concretos. Nessa dinâmica, a liberdade humana opera em sinergia com a graça, e a interioridade permanece lugar de discernimento de sentidos, dons e limites. O amadurecimento pessoal que daí decorre fortalece a personalidade, a fidelidade ao bem reconhecido e a capacidade de amar e servir nas circunstâncias concretas de cada tempo.

Igualdade, dignidade e complementariedade.

No plano da diferença sexual, Stein propõe uma leitura que salvaguarda simultaneamente a igualdade de dignidade e a distinção estrutural. “Por espécie, entende-se aquilo que é fixo, que não muda. A filosofia tomista usa nesse caso também o termo forma, referindo-se à forma interna que determina a estrutura de alguma coisa” (STEIN, 1999, p.186). Em formulação direta:

Segundo a minha convicção, a espécie humana se desdobra na espécie dupla homem e mulher; de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, manifesta-se de dupla maneira, revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre o espírito e a sensitividade bem como relação entre as diversas forças espirituais. À espécie feminina corresponde a unidade e a integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; à espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas (STEIN, 1999, p.206).

A diferença, para Stein, não se reduz a biologia ou função; abrange a forma como a totalidade psicofísica e espiritual se articula. Isso não implica hierarquia nem supremacia; exige complementariedade. Não há, segundo o pensamento de Edith Stein uma superioridade de um sexo sobre o outro, mas as diferenças existentes é que expressam a necessidade de uma unidade sem uma fusão. Essa complementariedade se traduz em prioridades vocacionais típicas e não exclusivas: na mulher encontramos em sua vocação primária à maternidade, no homem, encontramos o desejo pelo domínio da terra e, em suas vocações secundárias encontramos nela o dever de participação nesse domínio e nele a sua paternidade. Em termos da tríplice missão de Gn 1-2, a tríplice tarefa é dirigida a ambos em conjunto, e as diferenças modulam modos de serviço. A maturidade humana e a formação integral são exigidas para que tais diferenças se tornem cooperação e não competição. Stein reforça que a compreensão mútua entre homem e mulher se torna possível porque no indivíduo singular está presente tanto o elemento masculino quanto o feminino, sem apagar a singularidade concreta do ser homem ou ser mulher.

Vocação original e vocação sobrenatural: criação, liberdade e graça.

O chamado originário inscrito na criação (vocação natural) convoca à realização do ser orientada pelo conhecimento e pelo amor do Criador. A vocação natural do ser humano consiste em desenvolver na sua verdade mais pura e na ordem estabelecida por Deus, aquilo que já foi semeado em nós pelo Criador. Isso não pode ser desenvolvido de modo instintivo. Sendo o ser humano dotado de razão, ele é chamado a responder de forma livre e ainda mais: colaborar através do seu conhecimento e da vontade. A vocação sobrenatural, por sua vez, é o viver consciente da filiação divina em Cristo, que integra e cura a natureza ferida.

A vocação sublime do ser humano manter-se unido a Deus já foi anunciada pelos profetas e confirmada por Jesus Cristo. Nele o ser humano torna-se capaz de conhecer e de manter uma relação filial com Deus. Em Jesus Cristo o ser humano reencontra o caminho definitivo de união com Deus e, com isso, o resgate de sua dignidade. O chamado do ser humano ao diálogo com Deus pressupõe, fundamentalmente, a liberdade, condição para que ele se realize em plenitude e com sentido (LADARIA, 2007. p. 13.).

A vocação sobrenatural do ser humano deve ser vivenciada conscientemente a serviço do Criador, como Filho de Deus, com suas potencialidades e graça, amadurecendo e deixando ser integrado diante daquilo que o pecado fragmentou. Em Jesus Cristo, o ser humano reencontra o caminho definitivo de união com Deus e, com isso, o resgate de sua dignidade. A liberdade, condição do chamado, opera como adesão amorosa: o ser humano, na condição de criatura livre, responde positiva ou negativamente aos apelos que D'Ele provém para que se realize como pessoa, por meio da escolha do caminho do bem e do seguimento do seu Filho. Esse quadro reafirma o primado do ser, a centralidade da interioridade e a necessidade da cooperação entre liberdade e graça no amadurecimento vocacional.

Implicações éticas, pedagógicas e pastorais: dignidade, Discernimento e acompanhamento.

A antropologia e a teologia da vocação em Stein comportam implicações concretas em três planos. Ético: a dignidade humana, fundada na imago Dei, impõe relações e instituições que respeitem a igualdade essencial entre homens e mulheres, rejeitem hierarquias ontológicas e favoreçam a corresponsabilidade.

A complementariedade orienta uma ética do dom, que privilegia reciprocidade, cuidado e justiça, sem estereótipos ou reducionismos.

Pedagógico: a formação integral requer uma pedagogia da interioridade, que cultive silêncio, reflexão e autoconhecimento, integrando razão, vontade e afetividade, e ajude a distinguir vocação e profissão, reconhecendo dons e limites.

Processos educativos devem favorecer discernimento de sentido e serviço, valorizando a singularidade de histórias e contextos.

Pastoral: a pastoral vocacional é serviço de escuta e clarificação, que ajuda a pessoa a identificar chamados, interpretar desejos, integrar história e fé, e ordenar escolhas. Exige respeito aos tempos, prudência no uso de linguagens e categorias, e atenção à comunhão de vida que expressa a missão compartilhada em Gn 1–2. O acompanhamento, nesse horizonte, auxilia a maturar uma resposta que, por ser livre, só se consolida quando se enraíza no amor que convoca e no bem reconhecido.

Considerações finais

As conclusões desta investigação permitem reconhecer que a reflexão steiniana sobre a vocação humana restitui à antropologia teológica o primado do ser sobre o fazer e recoloca a interioridade como dimensão constitutiva do existir. Confirmou-se, em consonância com a hipótese inicial, que a vocação não pode ser reduzida a uma função social ou a uma escolha ocupacional, mas deve ser compreendida como chamado originário do amor de Deus, dirigido à pessoa enquanto imagem e semelhança do Criador.

Nesse horizonte, a análise dos relatos da criação em Gn 1–2 evidencia a tríplice missão partilhada entre homens e mulheres de ser imagem, gerar vida e exercer domínio responsável sobre a criação, como fundamento comum da dignidade humana, a ser vivido numa lógica de complementariedade sem fusão nem hierarquia ontológica. Tal constatação responde diretamente ao objetivo de elucidar a noção steiniana de vocação como categoria central da antropologia, pois mostra que o chamado divino antecede e orienta o agir humano, solicitando uma resposta livre e amadurecida.

Verificou-se ainda que a pessoa, concebida como unidade psicofísica e espiritual, integra corpo, psique e espírito numa síntese que respeita a singularidade de cada sujeito e o torna capaz de relacionar-se com os outros pela via da empatia. Nesse sentido, confirmou-se a

hipótese de que a interioridade, entendida como espaço fenomenológico de abertura à verdade, é condição imprescindível para o discernimento vocacional.

A distinção e articulação entre vocação, profissão e convocação revelam-se igualmente fecundas, pois conferem densidade ética e espiritual à vida cotidiana e ao trabalho, permitindo que cada pessoa “venha-a-ser” aquilo que é em sua verdade mais profunda. Em termos práticos, as implicações éticas, pedagógicas e pastorais são de grande relevância: afirmam a dignidade essencial e a igualdade fundamental de todos os seres humanos, propõem a educação sistemática da interioridade como caminho formativo indispensável e recomendam processos de acompanhamento vocacional pautados pela prudência, pela liberdade e pelo respeito às singularidades pessoais. Com isso, verifica-se que a hipótese de que a antropologia relacional de Edith Stein pode oferecer critérios consistentes para a formação integral encontra respaldo nos resultados obtidos. Em síntese, a vocação humana, compreendida sob essa chave, é um itinerário de interioridade e comunhão, no qual a diferença sexual se converte em serviço e dom recíproco, e a liberdade se realiza como resposta amorosa e responsável ao Deus que chama.

Referências Bibliográficas.

- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes.** São Paulo: Paulus, 1997.
- LADARIA. Luis F. **Introdução à antropologia teológica.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- PERETTI, Clélia. **Nas trilhas de Edith Stein:** gênero em perspectiva fenomenológica e teológica. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.
- STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça.** Trad. Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.